



Plantas Medicinais, Memória e Etnicidade: Práticas Freireanas na EPJAI no KM03

Matheus da Silva Moraes*¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

***matheus.s.m@hotmail.com**

RESUMOS – GT 01 – Etnicidade, Memória e Educação

Palavras chave: Plantas Medicinais; Botânica; Memória.

O ensino de botânica ainda enfrenta resistências no imaginário dos estudantes, que frequentemente o percebem como um conteúdo difícil. Essa percepção é reforçada por práticas pedagógicas tradicionais e descontextualizadas (Melo et al., 2012). No contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EPJAI), tais desafios se intensificam, já que muitos estudantes chegam à escola após longas jornadas de trabalho. Para romper com a lógica da “educação bancária” (Freire, 2022), foi proposta uma aula prática no jardim da escola, utilizando plantas medicinais presentes na comunidade local. O objetivo foi possibilitar uma compreensão aprofundada das propriedades terapêuticas e usos tradicionais dessas plantas, articulando saberes populares e científicos. Os estudantes identificaram espécies e, compartilharam histórias familiares, discutiram usos e construíram fichas catalográficas com nomes populares, científicos e aplicações terapêuticas. A escola está situada no bairro do KM3, território historicamente ocupado por pessoas negras, o que confere à experiência um caráter identitário e de resistência. As narrativas dos estudantes sobre o uso de plantas medicinais transmitidas por avós e ancestrais revelam a presença viva de uma memória coletiva que remete a práticas afro-brasileiras e indígenas de cuidado e cura. Essa relação entre botânica e memória cultural reflete o que Hall denomina identidades em construção — processos dinâmicos de pertencimento e afirmação (Hall, 2003). Além disso, reforça a ideia de que os saberes tradicionais são formas legítimas de



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



produção de conhecimento e de resistência cultural (Gomes, 2005). As experiências compartilhadas durante a aula reafirmam que educação e cultura não estão dissociadas: o conhecimento botânico se entrelaça com identidades étnicas, práticas ancestrais e vínculos comunitários. Como defendido por Paulo Freire, a educação libertadora acontece quando educador e educando constroem juntos os saberes, a partir de suas experiências concretas (Freire, 2022). Os resultados evidenciam que metodologias participativas e interculturais fortalecem a aprendizagem significativa, promovendo a valorização da herança cultural afro-brasileira e indígena. A aula de botânica se transforma, assim, em um espaço de construção de identidades, fortalecimento da memória e afirmação de pertencimentos coletivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 82ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MELO, E. A.; ABREU, F. F.; ANDRADE, A. B.; ARAUJO, M. I. O. A aprendizagem de botânica no ensino fundamental: Dificuldades e desafios. *Scientia Plena*, [S. l.], v. 8, n. 10, 2012. <https://scientiaplenu.org.br/sp/article/view/492>. Acesso em: 26 jan. 2024.